

Domingo da Paixão [Ramos]
Capela da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria
Pontifício Colégio Norte-Americano, Roma
2 de Abril de 2023

Is 50, 4-7
Sl 22, 8-9.17-18.19-20.23-24
Fl 2, 6-11
Mt 26, 14-27, 66

Homilia

Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!

A observância dos dias mais sagrados do Ano Litúrgico começa adequadamente com a procissão que recorda a entrada triunfante de Cristo em Jerusalém para celebrar a Sua última Páscoa, a Páscoa que Ele transformou para sempre pela Sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão. São Paulo, na *Carta aos Filipenses*, exprime o grande mistério que começamos hoje a celebrar e que iremos celebrar ao longo da Semana Santa: Cristo, Deus Filho Encarnado, que «se tornou obediente até à morte e morte de cruz»¹, está sentado à direita do Pai, «é o Senhor, para glória de Deus Pai.»² Cristo é, de facto, Rei do Céu e da Terra. Cristo revelou a Sua glória real entregando-se nas mãos daqueles que O ridicularizavam, torturavam cruelmente e, depois, executaram da maneira mais ignominiosa possível na altura. Entregou-se ao sofrimento e à morte, sabendo que «não ficaria envergonhado»³, pois tinha sido enviado por Deus Pai para cumprir a promessa do Pai de salvação eterna.

Hoje, carregamos palmas abençoadas e saudamos Cristo como nosso Rei, sabendo que a Sua Realeza é exercida pela efusão da Sua vida por nós no Calvário, feita sempre nova no Sacrifício Eucarístico que oferecemos. Quando Nosso Senhor Jesus Cristo morreu por nós na cruz, o Seu Coração Real foi trespassado pela lança do soldado romano, sinal da efusão de toda a Sua vida pela nossa salvação eterna; o Seu glorioso Coração Real permanece eternamente trespassado, aberto, a fim de receber a nossa adoração, os nossos corações, e de os transformar pela efusão imensurável e incessante da graça divina, tornando os nossos corações como o Seu em amor puro e desinteressado. Depois da Santa Missa de hoje, levemos connosco a palma benzida e entronizemo-la junto ao crucifixo ou à imagem do Sagrado Coração de Jesus, para que nos recorde, todos os dias e ao longo de cada dia, de darmos completamente o nosso coração a Jesus Cristo, nosso Senhor e Rei.

Como acompanhámos, hoje, misticamente Nosso Senhor durante a Sua gloriosa entrada em Jerusalém, assim também O acompanhemos, durante toda a Semana Santa, na Via-Sacra, no caminho da Sua glória eterna e no penhor da mesma glória que Ele nos conquistou como nossa herança duradoura. Que a nossa união com Cristo durante estes dias santíssimos se torne a forma da nossa vida quotidiana, como Nosso Senhor nos ensina no Evangelho: «Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.»⁴

Hoje e durante a Semana Santa, reflectamos sobre o mistério do sofrimento e da morte de Cristo, o mistério do Seu Coração Real, trespassado depois de ter entregado a Sua vida por nós

¹ Fl 2, 8.

² Fl 2, 11.

³ Is 50, 7.

⁴ Mt 16, 24.

na Cruz. Reflectindo sobre a Via-Sacra, unamos aos sofrimentos de Cristo os sofrimentos que suportamos nas nossas vidas e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs em todo o mundo. De uma forma particular, unamos aos sofrimentos de Cristo os sofrimentos do Seu Corpo Místico, a Igreja, que está a passar por um tempo de confusão e erro generalizados, com os seus frutos que são a divisão, a apostasia e o cisma. Unindo os nossos sofrimentos à Paixão e Morte de Cristo, rezemos por nós e pelos nossos irmãos na Igreja e no mundo, para que possamos ter um coração indiviso, um coração totalmente unido ao Coração de Jesus, um coração humilde que não se envergonhe, pois pertence completamente a Deus, confiando na Sua Providência e rezando: «Mas Vós, ó Senhor, não vos afasteis de mim! Sois o meu auxílio: vinde socorrer-me depressa!»⁵

Permanecendo misticamente com São João, Apóstolo e Evangelista, aos pés da cruz de Nosso Senhor, que os nossos corações sejam um só com o Imaculado Coração de Maria. Que eles sejam totalmente para Cristo. Que escutem sempre o conselho materno da Mãe de Deus, a Mãe da Divina Graça, aos seus filhos em perigo: «Fazei o que Ele vos disser!»⁶

Que os nossos corações se tornem reais no Coração Real de Jesus, reais em todas as virtudes de Nosso Senhor, virtudes pelas quais somos inspirados e fortalecidos para dar a nossa vida pela glória de Deus e a salvação do nosso mundo. Meditemos sobre o ensinamento do Papa São João Paulo II na sua primeira Carta Encíclica, *Redemptor Hominis*. Referindo-se à realidade da realeza de Cristo no coração humano, recorda-nos a natureza real da nossa vida em Cristo, escrevendo:

Se, portanto, à luz da atitude de Cristo, se pode verdadeiramente «reinar» somente «servindo», ao mesmo tempo este «servir» exige uma tal maturidade espiritual, que se tem de defini-la precisamente como «reinar». Para se poder servir os outros digna e eficazmente, é necessário saber dominar-se a si mesmo, é preciso possuir as virtudes que tornam possível um tal domínio. A nossa participação na missão real de Cristo – exactamente na sua «função real» (munus) – anda intimamente ligada com toda a esfera da moral cristã e também humana.⁷

A Realeza de Cristo sobre os corações humanos não é um ideal ao qual todos são chamados, mas apenas alguns podem alcançar. É, antes, uma realidade da graça divina que ajuda mesmo o sujeito humano mais fraco e mais provado a alcançar um grau heróico de virtude, se apenas cooperar com essa graça divina.

Cristo crucificado e ressuscitado dos mortos renova agora sacramentalmente por nós o Sacrifício que Ele ofereceu pela primeira vez no Calvário, o Sacrifício pelo qual Ele entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos, o Sacrifício pelo qual Ele nos libertou do pecado, o Sacrifício pelo qual nos conquistou a vida eterna. No Sacrifício Eucarístico, assumimos com Cristo a cruz, recebendo o fruto incomparável do Seu Sacrifício: o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, o alimento espiritual para a nossa peregrinação terrena para a casa de Deus Pai. Recebendo Cristo

⁵ Sl 22, 20.

⁶ Jo 2, 5.

⁷ «Si igitur secundum illum Christi habitum vel affectum aliquis «regnare» proprie valet dumtaxat «serviando», simul postulat illud «serviendi» officium talem maturitatem spiritualem, quae dicenda sit prorsus significare aliquem «regnare». Ut quis ideo digne efficaciterque ceteris inserviat, oportet is dominetur in semet ipsum possideatque virtutes, quae permittant, ut ita dominetur. Nostra participatio regalis missionis Christi – illius quidem «muneris regalis» – arcto vinculo cohaeret cum omni regione doctrinae moralis, tam christianae quam etiam humanae.» Ioannes Paulus PP. II, Litterae Encyclicae *Redemptor Hominis*, «Pontificali eius Ministerio ineunte» 4 Martii 1979, *Acta Apostolicae Sedis*, 71 (1979), 316, n. 21. Tradução portuguesa: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html.

na Sagrada Comunhão, que possamos levar Cristo a todos aqueles que encontramos, de acordo com a Sua promessa:

Se alguém tem sede, venha a mim; e quem crê em mim que sacie a sua sede!
Como diz a Escritura, hão-de correr do seu coração rios de água viva.⁸

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Raymond Leo Cardeal BURKE

⁸ Jo 7, 37-38.